

Rogério Andrade Barbosa

BICHOS DA ÁFRICA

Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciza Fittipaldi



MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

FNDE

PNBE

23-8
IC
1

PROIBIDA

MELHORAMENTOS

Rogério Andrade Barbosa

BICHOS DA ÁFRICA

Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciza Fittipaldi

A Mosca Trapalhona • A Tartaruga e o Leopardo



Prefeitura Municipal de Curitiba
Escola M. Prot. Antonio Piat
Bibliotecário: Tereza Magliola
Nº de registro: 10116
Data: 20/06/06



A Literatura oral Africana

Você vai ler várias histórias contadas pelo Vovô Ussumane ao seu neto Malafi.

Nas sociedades africanas que ainda não têm uma escrita sistematizada, a tradição oral cumpre um papel semelhante ao das bibliotecas e arquivos de outras sociedades.

Assim, os velhos são os sábios das comunidades, donos de memória prodigiosa, verdadeiras enciclopédias vivas encarregadas de perpetuarem a tradição e a história de seus povos. Muitas vezes, em caso de guerra, esses "griots" — como são também chamados os contadores de histórias — são poupados de morrer, para que continuem narrando as proezas dos povos africanos.

As histórias de animais gozam de um prestígio enorme e nelas os animais são comparados em defeitos e virtudes ao ser humano.

Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir e participar ativamente da narração que pode variar de acordo com a platéia e a receptividade.

Na sua juventude, Vovô Ussumane percorre terras distantes divulgando seu imenso saber. Agora, já bem velhinho e famoso, se diverte contando histórias para as crianças da aldeia, e que vão passando de geração para geração.

Rogério Andrade conviveu com este mundo fantástico, na África, e coletou fábulas dos animais mais queridos do dia-a-dia desses povos africanos.

Você poderá, também, penetrar nos costumes da África, quando ler as conversas de Vovô Ussumane com o seu neto Malafi.



1. A MOSCA TRAPALHONA

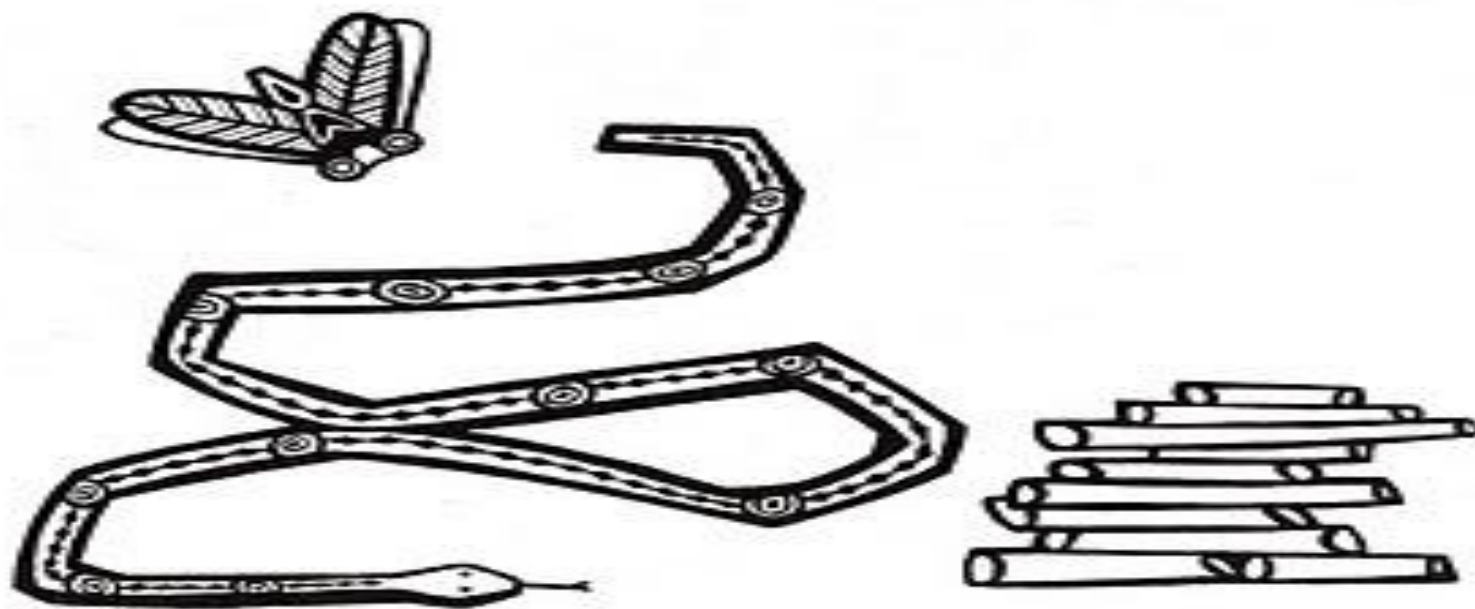


— Vocês se lembram da queimada do ano passado? — perguntou o avô. — A estação das chuvas aproximava-se e alguns campos ainda não tinham sido limpos para a sementeira. Nossos homens, apressados, atearam fogo aos arbustos, e um vento forte fez com que as labaredas se alastrassem pela mata afugentando tudo quanto era bicho da floresta. Foi um estouro danado. Pois, hoje, vou contar para vocês a confusão e a correria que uma mosca arrumou certa vez...

Uma mosca viu uma cobra dormindo em cima dum monte de lenha e, prestimosa como sempre, foi logo avisando-a:

— Ó, dona cobra, fuja daí porque está chegando alguém pra buscar a lenha e a vendo aí pode matá-la.

A cobra seguiu o conselho e se enfiou apressadamente dentro da toca de um rato. Este, ao ver a cobra entrando pela sua casa adentro, deu um guincho e fugiu todo esbaforido pela saída de emergência. Do lado de fora, deu um esbarrão na perna do faisão que, nervoso, começou a berrar. O macaco, que estava dormindo, ao ouvir a gritaria, deu um pulo tão grande que um galho partiu e caiu em cima da cabeça de um elefante que estava passando debaixo da árvore naquele momento.





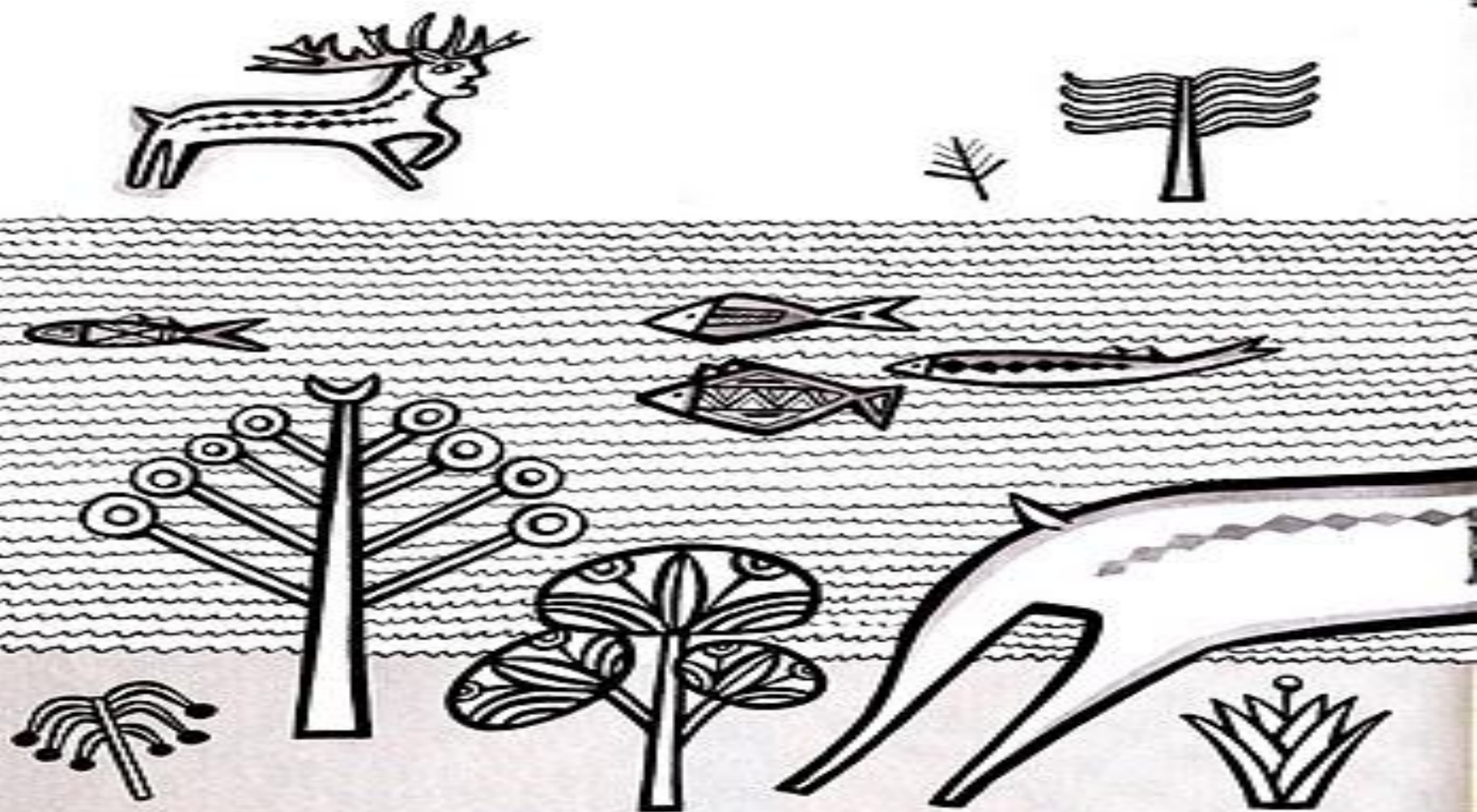
O elefante, apavorado, saiu esmagando tudo pela frente e acabou pisando no ninho do pássaro *ntiétié*. Esta ave, que tem as penas vermelhas como fogo, ficou tão zangada que incendiou a planície.





O veado, que passeava ali por perto, queimou as patas e correu em direção ao rio para se refrescar. Estava tão assustado que se esqueceu de gritar, como fazia sempre, para avisar as mulheres da aldeia, que estavam banhando-se no rio, para se vestirem.

Elas saíram correndo e foram imediatamente se queixar ao chefe da aldeia.







O veado foi então chamado para se explicar. Ele pediu desculpas e pôs a culpa no pássaro *ntiétié*. O chefe da aldeia mandou chamar o pássaro e este se defendeu acusando o elefante. E assim por diante todos os animais metidos na confusão tiveram que se apresentar ao enfurecido chefe da aldeia para se justificarem.

Até que chegou a vez da mosca que quis fazer um bem avisando a cobra e acabou se dando mal. O chefe da aldeia reuniu o conselho de ancião para julgar o caso, e ela foi perdoada.

Hoje vive por aí zumbindo no nariz da gente.

— E por hoje é só, garotada — falou o vovô Ussumane, levantando-se com dificuldade. — Boa-noite, meninos, durmam bem.

— Boa-noite, vovô — responderam os meninos em coro.

E assim Malafi e seus amigos foram dormir com as cabecinhas ainda vibrando com as histórias do vovô Ussumane.





2. A TARTARUGA E O LEOPARDO

Enquanto vovô Ussumane dava uma tragada no cachimbo, a garotada conversava sobre o caçador que passara pela aldeia naquela manhã a caminho de outro povoado onde um leão estava causando grandes estragos. O que mais impressionara os meninos foram os inúmeros amuletos mágicos que o caçador trazia em volta do corpo e a espingarda, para protegê-lo das garras e dos dentes das feras.

— Quando crescer quero ser um caçador profissional também — disse Malafi aos colegas.

— Mas para isso — interrompeu o avô — são necessários muitos anos de aprendizagem. O caçador profissional, homem de grande prestígio, tem que conhecer os hábitos de todos os animais da floresta, as horas que os bichos saem para comer e beber, seguir suas pegadas dia e noite e, também, a arte de fazer armadilhas.

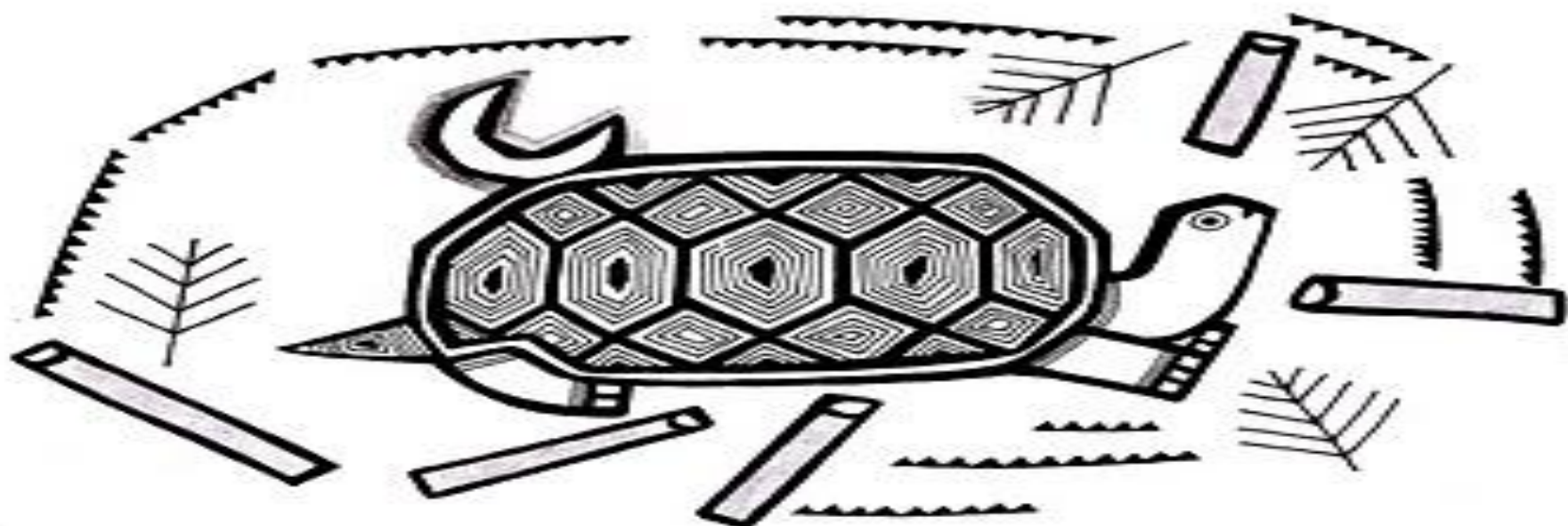
— Conte uma história sobre armadilhas — pediram os garotos em coro.

— Então escutem esta história da tartaruga...

A tartaruga, distraída como sempre, estava voltando para a sua casa um pouco tarde, e tinha que apressar os passos porque a noite começava a cobrir a floresta com o seu manto escuro.

De repente, ela caiu numa armadilha, um buraco profundo coberto com folhas de palmeiras, cavado no meio da trilha pelos caçadores da aldeia para aprisionar os animais.

A tartaruga, graças ao seu grosso casco, não se machucou na queda, mas como escapulir dali? Tinha que encontrar uma solução antes do amanhecer, senão ia virar sopa no caldeirão dos aldeões.





Ela ainda estava perdida em pensamentos quando um leopardo caiu também na mesma armadilha. A tartaruga deu um pulo e, fingindo ter sido incomodada em seu refúgio, berrou para o leopardo:

— O que é isso? O que você está fazendo aqui? Isso são maneiras de entrar na minha casa? Você não sabe pedir licença? — gritava ela para o espantado leopardo.

— Você não vê por onde anda — continuou a tartaruga. — Será que você não sabe que não gosto de receber visitas a esta hora da noite? Saia já daqui, seu pintado mal-educado!

O leopardo, bufando de raiva com o atrevimento da tartaruga, agarrou-a e com toda a força jogou-a para fora do buraco.

A tartaruga, feliz da vida, foi embora para casa tranquilamente.





Apresentação da Série

Rogério Andrade Barbosa, em seus contos, usa Vovô Ussumane como um contador de histórias, que mostra a oralidade como uma atitude diante da vida e não a ausência de uma habilidade — a de escrever.

Encontramos, nestas narrativas, a transmissão de fatos do passado e, principalmente, a atualidade; já que a tradição oral não traduz um período já ultrapassado da vida de um povo, mas sim uma forma de “ser permanente”, num faz-se, desfaz-se e refaz-se que caracteriza a cultura, distinguindo-a de qualquer outra. Desta forma, ao transmitir valores e ao ensinar a filosofia de seu povo para o menino Malati, Vovô Ussumane utiliza as histórias de animais, que são os mitos tornados publicamente inteligíveis e que traduzem as conclusões cuidadosamente elaboradas pela comunidade, para permitir a estruturação da personalidade de seus integrantes e caracterizar uma maneira típica de ser.

Assim, Vovô Ussumane não sonha enquanto rememora, pois desempenha uma função para a qual está preparado: unir o começo da vida ao seu fim, alargando as margens dos rios caudalosos, representados pelas novas gerações, com a tranquilidade que absorveu de outros rios revoltos que encontrou no passado. Enfim, os contos nos falam da vida, da continuidade histórica, de transcendência. Valorizam a sabedoria dos mais velhos, a potencialidade das crianças, revelando a importância do amor, da amizade, do respeito, da solidariedade e da vida em comunidade.

A tradição oral, no Terceiro Mundo, é importante fator de enriquecimento e afirmação da identidade social. A Série *Histórias de Bichos da África* vem esclarecer os valores civilizatórios africanos, tão pouco conhecidos pela comunidade negra brasileira, que luta por ser reconhecida e por se integrar no conjunto da sociedade.

Estes contos tradicionais africanos de animais demonstram claramente as estratégias próprias da cultura negra, que possui uma força efetiva e se antepõe a uma ordem cultural branca que, em um país plural como o nosso, sempre se quis hegemônica.

Helena Theodoro Lopes



S é r i e
BICHOS DA ÁFRICA
Lendas e Fábulas

Nas sociedades africanas que ainda não têm escrita, a tradição e a história desses povos são transmitidas em belas narrativas por velhos sábios, chamados *griots*. Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir essas narrativas envolventes, que divertem, transmitem costumes e valores morais.

Rogério Andrade Barbosa conviveu com esse mundo fantástico e coletou fábulas dos mais queridos animais desses povos, as quais podem trazer maior conhecimento da cultura africana para o nosso leitor.

A partir da arte ioruba, Ciza Fittipaldi criou as ilustrações, explorando o universo fantástico e exuberante da África.



BICHOS DA ÁFRICA 1

A Mosca Trapalhona • A Tartaruga e o Leopardo

BICHOS DA ÁFRICA 2

A Moça e a Serpente • A Vingança de Eraga
O Cassolo e as Abelhas

BICHOS DA ÁFRICA 3

Por que os Cães se Cheiram uns aos Outros
O Julgamento da Tartaruga

BICHOS DA ÁFRICA 4

O Jabuti e o Chocal • A Águia e o Gavião
O Gato e o Rato

